



## Racialização, Renato Almeida e história da música brasileira

Jonatha Maximiniano do Carmo<sup>1</sup>

*Categoria: Comunicação*

**Resumo:** O presente artigo apresenta um breve recorte da pesquisa em andamento, provisoriamente intitulada *Discurso sobre a mestiçagem na musicologia brasileira: Renato Almeida e as redes de sociabilidade*, com ênfase no artigo *Afrânio Peixoto romancista* (1921) publicado por Renato Almeida na *Revista do Brasil*. Argumenta-se sobre a articulação da *teoria do branqueamento e ideologia da mestiçagem* utilizadas por Renato Almeida na definição de “nossa nacionalidade” e “civilização” no referido artigo, e como isso transparece na sua definição de “nosso temperamento” ou “nossa cultura musical” em seu livro *História da Música Brasileira* (1926). Ao final, argumenta-se se a literatura que versa a respeito de música e sociedade brasileira ainda utiliza argumentos semelhantes.

**Palavras-chave:** Racialização. Musicologia. Renato Almeida e história da música brasileira.

**Title of the paper in English:** Racialization, Renato Almeida e Brazilian music history.

**Abstract:** The present article is a brief cut of the ongoing research, provisionally entitled *Discourse on miscegenation in Brazilian Musicology: Renato Almeida and the sociability networks*, with emphasis in the article *Afrânio Peixoto romancista* (1921) published by Renato Almeida in *Revista do Brasil*. It is argued about the articulation of the whitening theory and miscegenation ideology used by Renato Almeida as a definition of “our nationality” and “civilization” in the referred article, and how this appears in his definition of “our temperament” or “our musical culture” in his book *História da Música Brasileira* (1926). In the end, it is argued whether the literature dealing with Brazilian music and society still uses similar arguments and explanations.

**Keywords:** Racialization. Musicology. Renato Almeida and Brazilian music history.

### Introdução

Por que em pleno século XXI pesquisar os vínculos de Renato Almeida com os intelectuais que produziram um discurso racializado da identidade brasileira? Como

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Música, UFMG, Escola de Música da UEMG, doc.jonathamax@gmail.com



relacionar essa racialização do discurso à leitura e estudo de uma *História da Música Brasileira* (1926), como a do musicólogo e folclorista Renato Almeida? Estas são provavelmente as questões mais relevantes que têm norteado a pesquisa de doutorado desenvolvida pelo autor na Escola de Música da UFMG, provisoriamente intitulada *Discurso sobre a mestiçagem na musicologia brasileira: Renato Almeida e as redes de sociabilidade*, sob a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Glaura Lucas.

O presente artigo apresenta um breve recorte da pesquisa em andamento, com ênfase para um artigo publicado por Renato Almeida na *Revista do Brasil* (1921) intitulado *Afrânio Peixoto romancista*. Neste artigo Almeida expõe senão uma das faces mais controversas do funcionamento tanto da teoria do branqueamento quanto da ideologia da mestiçagem: uma suposta superioridade cultural e moral como solução nacionalista e civilizatória.

Portanto, apresenta-se um paralelo entre a definição de Renato Almeida de “nossa nacionalidade” e “civilização” (ALMEIDA, 1921, p. 118), como utilizado no referido artigo, e como isso se traduz, obviamente, na escrita de sua *História da Música Brasileira*, quando ele conceitua “nosso temperamento” ou “nossa cultura musical” (ALMEIDA, 1926, p. 197-198). Ao final, argumenta-se se a literatura que versa a respeito de música e sociedade brasileiras ainda utiliza argumentos e justificativas semelhantes.

## 1. Porque falar de racialização no século XXI

Primeiramente, há de se convir que raça não se trata de algo biologizado, como se existissem realmente seres humanos diferentes habitando o mundo. Deve-se ter em mente que raça, além de tudo, é um conceito que engloba especialmente questões sociais e culturais. Acrescenta o jurista e filósofo Silvio Almeida:

A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a

história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2020, p. 24-25).

Raça, na perspectiva da ideologia da mestiçagem e da teoria do branqueamento, diz respeito principalmente a elementos **fenotípicos**, ou seja, características físicas daqueles tratados historicamente como **não-brancos**. Assim, raça é um indicador de desigualdade no Brasil, e desde fins do século XIX e início do século XX, ganhou grande destaque da intelectualidade brasileira a partir das discussões sobre a Abolição e, posteriormente, proclamação da República: a busca simbólica da identidade nacional.

A musicóloga Maria Alice Volpe argumenta que a *Teoria da obnubilação brasílica* de Araripe Júnior (1848-1911) foi influência importante na obra de Renato Almeida, funcionando como aspecto de “conformação da cultura” (VOLPE, 2008, p. 59), ou seja, determinante para uma interpretação identitária e estética, como é possível observar na seguinte citação de Renato Almeida (1926, p. 140): “[...] o artista é a somma imprevista de inúmeras qualidades e resíduos, como a percepção esthetica de cada povo transcende da troca resultante entre o meio e o indivíduo, o que equivale dizer da adaptação do homem à terra”. Tratada como um determinismo geográfico-climático essa **mesologia**, dos parâmetros raça e meio, foi definitiva para a reflexão sobre a psique nacional. Roberto Ventura a este respeito acrescenta:

Araripe Júnior e Sílvio Romero se basearam no mesmo modelo naturalista e evolucionista. Ambos aplicaram à literatura os princípios de Hippolyte Taine e de Herbert Spencer, acrescidos da ideologia nacionalista, em que a nação é concebida como o resultado da progressiva transformação das matrizes europeias pela ação do meio ou da mistura das raças. (VENTURA, 1991, p. 37).

Partindo, portanto da observação desses aspectos mesológicos, a conclusão de Volpe se torna uma importante diretiva ao argumento que está sendo aqui desenvolvido: Renato Almeida estava “sintonizado com as teorias científicas da época”, o que nos direciona a “compreensão do solo epistemológico dos textos fundacionais da historiografia musical brasileira.” (VOLPE, 2008, p. 70).

## **2. Revista do Brasil, Renato Almeida e embranquecimento musical**



A *Revista do Brasil*<sup>2</sup>, provavelmente um dos principais periódicos de circulação nacional a tratar do caráter cultural brasileiro, teve participação de importantes intelectuais. Foi resultado das transformações da imprensa nos fins do século XIX e início do XX e da profissionalização do ofício literário, que pautava vigorosamente as questões nacionais a partir de variadas áreas do saber, tendo São Paulo e o Rio de Janeiro como epicentros político-culturais de interpretação do mundo (LUCA, 1999).

Como aponta a historiadora Tânia de Luca, um importante elemento da *Revista do Brasil* (1916-1925) foi “pensar a nação” a partir da “questão do estatuto étnico dos habitantes”, pois essa era uma questão que “subordinava”, desde o início do século XX, “todos os demais aspectos da vida nacional” (LUCA, 1999, p. 132). Obviamente, a *Revista do Brasil* não estaria livre dos posicionamentos deterministas, como afirma a autora:

A intelectualidade presente no periódico foi gerada e nutrida em teorias deterministas, fossem elas de cunho racial, climático ou cultural, que invariavelmente terminavam por reafirmar a impermeabilidade de uma nação tropical e mestiça à civilização. Os nossos intelectuais do início do século XX estavam envoltos numa densa e complexa atmosfera de negatividade e foi a partir desse universo [...] que eles pensaram e agiram. (LUCA, 1999, p. 156).

No ano de 1916, Afrânio Peixoto (1876-1947) publica o compêndio *Minha Terra e Minha Gente*, “o primeiro manual escolar a enfrentar diretamente, como o título indicava, os problemas de raça e do clima”, mas “a questão da raça, porém, foi, para ele, mais difícil de tratar” (SKIDMORE, 1976, p. 187-188). Posteriormente, fez várias publicações na *Revista do Brasil*, com temáticas envolvendo saúde pública – já que participava das discussões sobre os problemas sanitários do Rio de Janeiro – e educação.

No volume nº. 62 da *Revista do Brasil*, Renato Almeida publica o artigo *Afrânio Peixoto romancista* (1921) que trata de comentários sobre o livro *A Esfinge*, que como argumenta Thomas Skidmore, aborda a teoria do branqueamento a partir das “preocupações raciais da elite do Rio [de Janeiro]” (SKIDMORE, 1976, p. 90). Assim como Renato Almeida – este que destacou a contribuição tanto dos povos indígenas como de

---

<sup>2</sup> Trata-se aqui da primeira fase, compreendida entre os anos de 1916-1925, tendo como proprietário Monteiro Lobato. Note-se também que a revista contava com colaboradores de outros países. (Cf. LUCA, 1999).



povos negros na construção da nacionalidade musical tripartite – Peixoto acrescentaria a teoria do branqueamento: “essas sub-raças tendem a desaparecer uma vez que a raça branca se reintegre na posse exclusiva da terra” (PEIXOTO, 1911 apud SKIDMORE, 1976, p. 90).

Retomando, assim, o referido artigo da *Revista do Brasil*, Renato Almeida, no primeiro parágrafo, utilizou-se do mesmo idealismo tropicalista que será o motivo condutor de sua *História da Música Brasileira* (1926), carregada de pessimismo e referência a tal **obnubilação brasílica** de Araripe Júnior (VOLPE, 2008):

Nós brasileiros somos um povo triste; [...] Quando nos divertimos é sempre com seriedade [...] Já têm os psicólogos procurado, e não sem razão, explicar o fenômeno pelo sangue das três raças que corre em nossas veias: o português, o índio e o negro, gente pouco alegre e muito melancólica. Vivemos, assim tarados, sem o riso franco do saxônico, nem o espírito ligeiro do francês, mas como que amuados, curtindo tristezas ancestrais, de uma saudade, de uma perseguição, de uma tortura. (ALMEIDA, 1921, p. 108).

Observa-se que Almeida já desenvolvia a tese da melancolia que serviu, sob aspectos muito semelhantes, ao mito da tristeza das três raças em Paulo Prado: “Luxúria, cobiça, melancolia. Nos povos, como nos indivíduos, é a sequência de um quadro de psicopatia: abatimento físico e moral, fadiga, insensibilidade, abulia, tristeza” (PRADO, 2002, apud OLIVEIRA, 2014, p. 1098). A ideia de um ambiente que impacta psicologicamente o colonizador, somada ao caldeamento do sangue e ao momento histórico, é o principal elemento para a construção dos aspectos estéticos:

Um mundo de influências e interferências – o clima, o caldeamento de sangue, o cultivo e as condições de vida de lugar a lugar, tudo isso que a arte popular reflecte refrangendo no prisma de suas intenções, fez com que os cantores fossem variando dia por dia, contornando-se, modificando-se, mas sem perder o carácter básico e definitivo do rythmo. (ALMEIDA, 1926, p. 47).

É exatamente nessa perspectiva – do “tom melancólico, que é o resíduo da fusão misteriosa das raças, de que promana o brasileiro” (ALMEIDA, 1926, p. 114) – que

Almeida constrói sua narrativa no artigo da *Revista do Brasil*, onde externalizou os determinismos raciais de solução na mestiçagem e na teoria do branqueamento:

frel-a, sabe Deus por quantos annos? O Brasil precisa ser purificado, e a razão do progresso vir do sul para o norte é que, naquella parte do paiz, o sangue negro vae desaparecendo das veias brasileiras e uma raça, que não guarda reminiscencia da escravidão e de suas torturas, desponta cheia de fé e ingenuidade, para a vida que adora. Por emquanto, teremos de soffrer a acção corruptora dos mulatos “na familia, na sociedade, nas letras, na politica, no trabalho, nas instituições, até que se disfarcem, se depurem, ou se misturem na raça branca”.

Fig. 1 - Trecho do artigo de Renato Almeida (1921, p. 119) onde expõe a ideologia da mestiçagem e teoria do branqueamento

Eis o mecanismo pessimista resultante da idealização do sujeito brasileiro, de uma identidade marcada por uma utopia identitária que se soluciona na mestiçagem, uma tábua rasa da identidade, ingênua e jovem. Esse recorte expõe o que Renato Almeida associaria em termos estéticos à construção tripartida de música nacional, como segue:

Os **rythmos africanos**, numerosos e riquíssimos, principalmente os instrumentaes, que não poderão deixar de ser um elemento de nossa música [...] **até hoje não influíram em nossa cultura**, salvo para inspirar um ou outro artista [...] como Alexandre Levy e Nepomuceno. Perduram elles em nossa musica, nos sambas e cateretês, nas deliciosas cantigas do carnaval e nos batuques. No que nos herdaram os africanos e que os **mestiços souberam quebrar um pouco a violência**, tornando mais lânguida a melodia, portanto mais acessível ao **nosso temperamento**, há uma matéria musical prodigiosa, pela riqueza rythmica e pela variedade de timbres. (ALMEIDA, 1926, p. 197-198, grifo nosso).

Nesse trecho Renato Almeida descreveu de forma correlata uma ideologia da mestiçagem e da teoria do branqueamento como linha evolutiva cultural e musical brasileira, indo do ritmo afrodescendente ao mestiço, este que é o intermediador, até que se atingisse o estágio evoluído de uma arte e de uma cultura **nossa**. Complementa Almeida:

Mas, mesmo assim, é preciso notar que essas distinções não são perceptíveis à primeira vista, porque a **penetração recíproca é extraordinária**. Em toda a nossa mestiçagem – mulatos, mamelucos e cafusos – o rythmo tem dos três elementos, com uma predominante negra, uma influência maior, portuguesa, e uma menor, indígena. (ALMEIDA, 1926, p. 49, grifo nosso).

Desta forma, Almeida narrou o processo de personificação da brasilidade na música popular, na **nossa mestiçagem**, tendo o branqueamento, a música erudita, como resultante e para a qual os “motivos ardentes do canto popular servir[iam] para a grande construção de nossa arte” (ALMEIDA, 1926, p. 55).

### 3. Considerações (em direção ao século XXI)

A oposição entre a noção de música pura, autônoma, com significados em si mesma, de sua suposta contraface, a música popular, tratada como provinda de uma cultura estática e objetificada como fonte infinita para a construção de uma nacionalidade artística é recorrente na escrita musicológica brasileira, assim como Renato Almeida deixou evidenciado em sua história da música.

O que ficou de boa parte dessa interpretação foi uma crença construída e enraizada de que uma hierarquia entre o cultural e o social – para ficar apenas nesses infinitos campos – viesse única e exclusivamente da questão racial brasileira e que isso seria um obstáculo praticamente intransponível para uma universalização artística nacional. Talvez, a música vista a partir de uma teorização sistemática e conteudista em muito se distanciou do aprofundamento no campo social dessa construção, dos comportamentos humanos construídos fora dos gabinetes desses intelectuais. Obviamente, muito dessa perspectiva foi posteriormente ampliada, especialmente ao longo dos anos de 1930, quando as culturas populares ganharam novas significações como bens da cultura imaterial e se tornaram política cultural de Estado.

Mas será que um olhar racializado tripartite da música (e aqui é possível acrescentar tanto o questionamento sobre música **no** ou **do** Brasil) ainda é verificável nos dias atuais? Ou melhor, será que os documentos históricos não teriam muito mais a mostrar em seus vestígios e indícios, proporcionando análises menos óbvias da música e sociedade brasileiras? Alguns exemplos no mínimo interessantes se encontram no livro *A*



*construção do gosto: música e sociedade na corte portuguesa de D. João VI 1808-1821*, de Maurício Monteiro (2008).

Em parte de sua conclusão sobre a *construção do gosto musical*, o autor afirma:

Quando falo de uma construção de um gosto musical, tenho de pensar ainda em **melodia, harmonia e ritmo** [...] penso então no **melodismo indígena**, predominante pela sua cultura e pelo seus instrumentos; depois na verticalização musical e na harmonia, uma grande racionalização da música ocidental, que se vinha construindo desde o barroco. [...] Começa então o tal imbróglio que Debret percebeu, mas que ouvimos hoje como uma **mestiçagem cultural**. [...] outro elemento imprescindível é o **ritmo** e seus deslocamentos **afro americanos**. Talvez não se construísse de imediato esse gosto, mas ele veio paulatinamente sendo **entrecruzado** e isso é importante com a prática genuinamente de corte. (MONTEIRO, 2008, p. 321, grifo nosso).

Dos vários elementos detectáveis, destaca-se a representação musical brasileira que se “entrecruzou”, sem conflito e em eterno caldeamento e fusão: da máxima de que a música brasileira, assim como apontou Renato Almeida, seria o amálgama de ritmo de um lado, afrodescendente, e melodia e harmonia, de outro. Estas últimas, obviamente, demarcando esse lugar racionalizado e civilizado da construção musical erudita que se contraporía à redução ao caráter rítmico, da música popular, como se a música erudita não tivesse **ritmo** ou, hierarquicamente, este não fosse tão relevante... Com efeito, o que se destaca é essa linha evolutiva que se relaciona diretamente à ideologia da mestiçagem e teoria do branqueamento – como expostas no presente artigo – assim como elaborou Renato Almeida (1926, p. 32): “E no mestiço essas qualidades [as formas puras dos sons dos negros] se aprimoraram, ou antes se adaptaram melhor à alma nacional, perdendo um pouco o batuque, para dar lugar à melodia langorosa e sensual”.

Em outro trecho, a forma com que Monteiro descreveu uma prancha de Debret (intitulada *Enterro de uma negra*), evidenciaria uma antítese à ideia de construção de um gosto musical racionalizado, como concluiu o autor: “O costume de utilizar a percussão era inerente às práticas africanas; quando não havia instrumentos construídos, uma caixa que fizesse **barulho** servia para dar o compasso do cortejo” (MONTEIRO, 2008, p. 137, grifo nosso). Acrescenta-se ainda que, nessa ambígua racialização do discurso, há a



possibilidade de apontar uma incongruência da escolha editorial da fotografia de capa de seu livro (uma pintura de Debret intitulada “O velho Orfeu africano”, de 1826)...

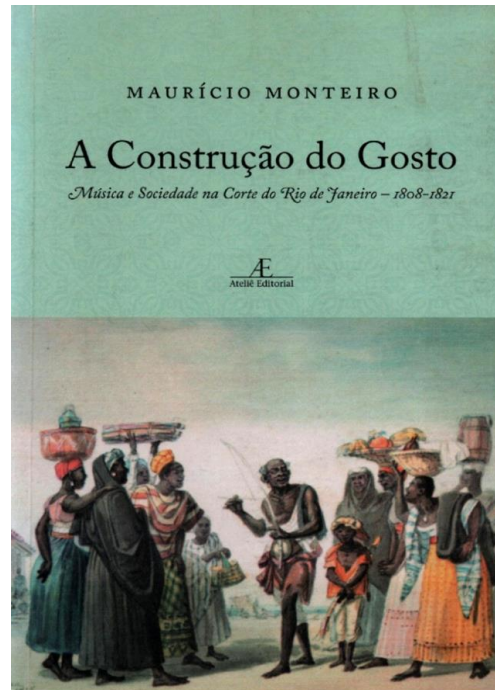


Fig. 2 – Capa do livro de Monteiro (2008, p. 136), que em seu interior ganha a seguinte legenda: “O berimbau foi muito utilizado no Rio de Janeiro joanino e reunia grupos de negros para escutar os sons da África”...

...assim como o aceite das linhas do texto que se encontra no prefácio, intitulado *Labirintos sonoros tropicais* e repetido na contra-capa, de autoria do então maestro Júlio Medaglia:

[...] esse trabalho descreve a chegada de uma sofisticada estética musical em um mundo tropical, repleto de cobras e lagartos pelas ruas, estas imundas frequentadas por escravos – a maioria da população, diga-se de passagem – para os quais a música era um pouco mais que percutir tambor e murmurar alguns lundus. (MEDAGLIA, 2008, p. 13).

Enfim, como afirmaria o cientista social Rodney William, é possível concluir que “[...] a ideia de convivência pacífica e harmoniosa” - como as muito difundidas democracias social e racial brasileiras e que se refletem nesses trechos acima referidos - “de igualdade de condições e direitos, de pleno acolhimento das práticas tradicionais de negros e indígenas” são postas “no caldeirão cultural da misigenação e dos múltiplos



sincretismos que caracteriza[riam] a brasilidade” (WILLIAM, 2019, p. 32). Uma brasilidade idealizada.

## Referências

ALMEIDA, Renato. Afrânio Peixoto romancista. **Revista do Brasil**, v. 62, p. 108–120, fev. 1921.

\_\_\_\_\_. **História da Música Brasileira**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1926.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

DE LUCA, Tânia. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MEDAGLIA, Júlio. Labirintos sonoros tropicais (Prefácio). In: MONTEIRO, Maurício. **A construção do gosto: música e sociedade na Corte do Rio de Janeiro - 1808-1821**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MONTEIRO, Maurício. **A construção do gosto: música e sociedade na Corte do Rio de Janeiro - 1808-1821**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Cristiane. O discurso do excesso sexual como marca da brasilidade: revisitando o pensamento social brasileiro das décadas de 1920 e 1930. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.21, n.4, p.1093-1112, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3jcV3kX>> Acesso em: 30 jun 2020.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VOLPE, Maria Alice. A Teoria da obnubilação brasílica na história da música brasileira: Renato Almeida e a “Symphonia da Terra”. **Música em Perspectiva**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 58-71, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/3i5e1b0>>. Acesso em: 10 set. 2020.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.